

DOSSIÊ 1968, cinquenta anos depois

EDITORIAL

Cinquenta anos depois, os anos 1960 e, especialmente, o ano de 1968 continuam suscitando reflexões e controvérsias.

Começamos por uma visão abrangente dos conflitos do período, sempre lembrando que, em muitas sociedades, a agitação mais quente ocorreu um pouco antes ou um pouco depois de 1968.

Na Ásia, a revolução cultural chinesa, entre 1965 e 1969, com apogeu na virada de 1966 para 1967, marcou o período, assim como a guerra do Vietnã, que perpassou a década e, em particular, com a ofensiva do ano novo lunar, o Tet, em janeiro de 1968.

Nos Estados Unidos, também ao longo dos anos 1960, imprevistos atores sociais apareceram com grande relevância, constituindo novos movimentos sociais – jovens, negros, mulheres, gays, povos originários, hippies – e apresentando padrões que iriam modificar no futuro as concepções a respeito dos conflitos sociais.

Na Europa ocidental houve o “maio” francês e as lutas sociais na Itália e na França, desdobrando-se, nestes dois últimos países, em guerrilhas urbanas que adquiriram uma certa expressão social, sobretudo na Itália.

Na Europa central – então chamada de Europa oriental – ocorreram a “primavera de Praga” e os protestos sociais na Polônia.

Finalmente, mas não menos importante, pelo menos para nós, na América Latina, ocorreram importantes movimentos estudantis e populares, sobretudo na Argentina (a insurreição popular em Córdoba, o “cordobazo”, em 1969), no México e no Brasil.

Nesta brevíssima resenha, já se pode constatar a amplitude geográfica assumida pelos conflitos e lutas políticas, atingindo todos os continentes, diferentes regimes políticos (democracias e ditaduras) e sociais (capitalismo e socialismo), marcando com seus questionamentos sociedades em diversos estágios de desenvolvimento, e fazendo daqueles anos um período particularmente intenso.

A simultaneidade dos processos evocou a “primavera dos povos”, de 1848, em escala ainda maior, mas cumpre não perder de vista, para além da inegável internacionalização dos conflitos, o seu caráter especificamente nacional, cujas raízes precisam ser elucidadas, evitando-se aproximações uniformizadoras de uma diversidade que não poderia ser subestimada (M. Ridenti).

A que atribuir o fato de que tantas convulsões ocorreram precisamente nos anos 1960?

Feita a ressalva de que não se trata de aprisionar a história em novas determinações estruturais, nem de anular as margens de liberdade dos movimentos sociais e de suas lideranças, e o peso das circunstâncias específicas, em suma, feita a ressalva de que não se trata de recusar a imprevisibilidade da história humana, é inegável que os anos 1960 anunciam uma grande conjuntura de mudanças vertiginosas, uma grande revolução científica tecnológica, cujo dinamismo permanece presente até os dias atuais, mudando radicalmente a paisagem das sociedades humanas em todos os níveis: cultura, política, economia, sociedade.

À “civilização fordista”, anunciada em fins do século XIX, e que, em seus termos, também alterou profundamente as sociedades humanas, alcançando um momento de apogeu nos anos 1940/1950, vai se seguir uma outra revolução que fez emergir a “cultura-mundo”(J.F. Sirinelli), a “world history”, o “apequenamento do mundo” ou a “aldeia global” (M. McLuhan) marcados pela simultaneidade e pela instantaneidade.

Abriam-se, desde os anos 1960, anos de instabilidade – as instituições e corporações centralizadas, verticais e piramidais começaram a ruir, mas não foi uma implosão rápida e catastrófica. Como eram muito densas e pesadas, e diversos os interesses nelas investidos, seus escombros continuam caindo nas cabeças das sociedades existentes. Basta observar os partidos e os sindicatos, filhos diletos do mundo da segunda revolução industrial, que monopolizavam a representação dos interesses políticos e sindicais e que vivem, há anos, crise estrutural, não mais capazes de dar vida à voz, às demandas e aos sentimentos das populações concernidas.

Assim, numa perspectiva mais ampla, os movimentos dos anos 1960 teriam sido precursores dos terremotos que apenas então iniciavam seus trabalhos e que permaneceriam – até hoje – chacoalhando e convulsionando o mundo projetado e construído a parti de fins do século XIX.

No caldeirão dos anos 1960, entraria também em crise a díade esquerda-direita. Não se tornou propriamente irrelevante, mas é cada vez menos capaz de dar conta da nova complexidade do mundo em que vivemos. Tenho preferido adicionar à tradicional díade a caracterização de forças *quentes* –

favoráveis à mudança – e de forças *frias*, contrárias às mudanças.

À esquerda, foram forças frias os comunistas chineses que se insurgiram contra as propostas da revolução cultural ou os comunistas soviéticos que esmagaram a “primavera de Praga”. Também pode-se dizer que boa parte dos partidos e movimentos socialistas e comunistas tentaram frear a contestação dos novos atores – jovens, negros, mulheres, gays, entre outros -, considerando-os “fragmentadores” e “divisionistas”. Sem falar no questionamento dos costumes tradicionais, considerados heréticos e dissolventes.

De modo análogo reagiriam as forças frias de direita, arcaizantes, desesperadas e desesperançadas diante das novidades apresentadas pela nova revolução. Este desespero e esta desesperança, aliás, perpassariam transversalmente as sociedades, podendo ser encontrados entre as elites, nas classes médias e nas classes populares.

Quentes foram as forças que abraçaram os novos ventos e não gratuitamente elas se encontravam sobretudo entre os excluídos da velha Ordem (H. Marcuse), mas também encontrariam adeptos e aliados entre direitas modernizantes e liberais que resgatariam aspectos e propostas de mudança que iam se tornando populares.

Para complicar o quadro, ao lado de paradigmas consagrados de mudança social – propostos e provados pelas grandes revoluções sociais vitoriosas do século XX (rusa, chinesa e cubana) – que enfatizavam a tomada violenta do poder no quadro de revoluções catastróficas (insurreições armadas e guerras revolucionárias), como condição para a efetivação de mudanças qualitativas, surgiram outros paradigmas, enfatizando a persuasão das consciências e a conquista progressiva de direitos (culturais, sociais e políticos). Apontavam, estes novos paradigmas para a importância do poder local e para a consecução de revoluções moleculares, sem datas marcantes e dispensando líderes carismáticos e poderosos, centralizadores e unificadores.

Nada disto, no entanto, se verificava de modo claro e definido, pois, segundo as circunstâncias das lutas políticas e as opções das gentes, alianças complexas podiam aproximar e afastar forças quentes e frias em alianças contraditórias, num fluxo constante e imprevisível.

No balanço do ano, muito claramente, desenhou-se a derrota das forças quentes. Foram emblemáticas, neste sentido: nos EUA, a eleição de Nixon em novembro; na França, a vitória eleitoral dos conservadores em fins de junho; na Tchecoslováquia, a invasão soviética; no México, o massacre dos estudantes, em outubro; no Brasil, o Ato Institucional nº 5, em dezembro; na China, a derrota da

Comuna de Xangai, ao longo primeiro semestre de 1967.

Entretanto, fora necessária uma visão muito pequena – e mesquinha – para não perceber que, para além do ano e de suas derrotas imediatas, questões e propostas defendidas pelas forças quentes permaneceriam vivas, transformando-se, nos anos seguintes, em importantes vitórias que mudariam condições de vida e condições de trabalho, em sintonia, aliás, com as mudanças introduzidas pela revolução científico-tecnológica ainda em curso.

Esta contra-proposta de avaliação não se quer, porém, ingenuamente otimista. As mudanças já verificadas, como sempre acontece na história humana, assustam. Contra elas se levantam forças frias e sombrias que mobilizam consciências e vontades. Neste quadro, a consolidação do que de melhor os anos 1960 apresentaram, vai depender, como sempre, da vontade das gentes em suas circunstâncias concretas no contexto de uma história, também como sempre, imprevisível.

O conjunto de artigos que se segue não necessariamente incorpora as reflexões que vêm de ser apresentadas. De resto, são artigos plurais, deliberadamente escolhidos em sua diversidade para estimular reflexões e polêmicas. Os textos, num primeiro bloco, são de autoria de professores e pesquisadores convidados. Aí escrevem, pela ordem, Marcelo Ridenti, Thaddeus Blanchette e Raquel Barreto, Livia Gonçalves, Patrício Arriagada, Daniela Tartakovski e Hajo Funke. Na continuidade, uma entrevista com Vladimir Palmeira, líder estudantil em 1968, político e pensador brasileiro. Fechando o dossier, um segundo grupo de artigos, selecionados pelo comitê editorial da revista, com artigos de doutorandos e jovens doutores: Daniela Jakubaszko, Cesar Migliorin, Lucio Reis Filho e Alfredo Suppia, e Leonardo Esteves.

Todos os artigos formulam reflexões críticas, um melhor caminho, sem dúvida, pois comemorar 1968 no sentido próprio do termo – recordar juntos -, não requer celebrações, mas debates, avaliações e inventários que, de preferência, sejam controvertidos. Uma forma adequada de honrar as lutas travadas há cinquenta anos.

A primeira edição da *Revista* em 2018 se encerra com o belo portfolio de Carlos Zílio, duas resenhas – sobre o filme *Meio-dia* (1968), de Helena Solberg, escrito por Mariana Souto e Mateus Araújo,

e sobre a coletânea *Regimes Ditatoriais: Comunicação, Cultura e Memórias*, assinada por Vinícius Ferreira – e uma seção *Perspectiva*, como de costume, bem variada. Se Phellipy Pereira Jácome e Verônica Soares da Costa falam de futurismo e presentismo, Wilson Oliveira Filho e André Parente se debruçam sobre os gifs. Kristopher-Jon Peter Samuel e Alda Cristina Costa nos levam ao Pará, em um exame sobre o programa *Balanço Geral-PA*. E enquanto Livia Cristina de Souza Machado e Francisco José Paoliello Pimenta investigam Museu da Língua Portuguesa e Auschwitz-Birkenau, Brenda Couto de Brito Rocco e Flavio Leal da Silva discorrem sobre a dança do ventre em uma análise sob a ótica da individuação de Simondon.

Boa leitura a todos

Daniel Aarão Reis

Professor de História da Universidade Federal Fluminense/UFF

Com a colaboração de Julio Bezerra e da Equipe Editorial da Revista ECO-Pós

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Anita Leandro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Julio Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

SECRETARIA

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luíza Alvim, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Ana Beatriz Rangel, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ana Clara Gomes, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ana Claudia Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Daniel Gonçalves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Hermano Callou, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Larissa Armstrong, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Mônica Torres, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Paulo Faltay, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Raquel Timponi, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberta Avillez, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

INDEXAÇÃO

Fernanda Lima Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

TRADUÇÃO E VERSÃO

Ciro Lubliner, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Mannuela Costa, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

CAPA

Autorretrato, de Carlos Zilio

DIAGRAMAÇÃO

Bianca Pinheiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Diego Paleólogo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Paloma Palacio, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos

Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos

Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Rüdiger, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca

Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos

Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha

Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil

Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos

Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil

Mateus Araújo, Universidade de São Paulo, Brasil

Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos

Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos

Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

André Keiji Kunigami, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Anita Leandro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Consuelo Lins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gabriela Zago, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Igor Sacramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Jamer de Melo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Janete Oliveira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Luiz Carlos Oliveira Jr., Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Miguel Pereira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Burrowes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Machado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Paulo Boni, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Paulo Victor Barbosa de Sousa, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Rita de Cássia Alves de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Ricardo Freitas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Roberta Veiga, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Silvana Louzada, Instituto Federal de Educação, Brasil

Vania Oliveira Fortuna, Universidade Veiga de Almeida, Brasil